



III Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica
III EnICT
ISSN: 2526-6772
IFSP – Câmpus Araraquara
19 e 20 de Setembro de 2018



A produção artístico-literária na contemporaneidade: uma leitura de *A visita cruel do tempo*, de Jennifer Egan

Ana Guelfi Erba¹
Rafhael Borgato (orientador)²

¹ Aluna do curso técnico em Informática integrado ao Ensino Médio; bolsista PIBIFSP, ana.guelfi@aluno.ifsp.edu.br.

² Professor doutor efetivo do quadro docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSP), r.borgato@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.08.00-2 (Literaturas Estrangeiras Modernas)

RESUMO: Este projeto tem o objetivo de trabalhar questões referentes a formas possíveis da representação literária a partir de uma leitura do romance *A visita cruel do tempo*, de Jennifer Egan. Por se tratar de uma escritora contemporânea, encontraremos em sua obra métodos de composição que rompem com a tradição realista do gênero romance. Obviamente, não se trata da primeira autora a transgredir as formas tradicionais da narrativa; justificamos a escolha do corpus por meio de uma parte específica do livro, exatamente aquela que escolhemos como objeto do trabalho. Trata-se do capítulo “Grandes pausas do rock n’ roll, por Alison Blake”, que busca ressignificar a linguagem literária ao incorporar um tipo de produção próprio da evolução tecnológica. O trabalho a partir de um capítulo é justificável, pois a estrutura do romance se constrói em torno de partes independentes que funcionam como espécies de contos. Pretende-se estudar, ainda, a relação do capítulo selecionado com os demais, a fim de construir um quadro unitário do sentido da narrativa, que se encontra na relação entre os personagens e na forma de lidar com a questão do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Jennifer Egan (1); Literaturas Estrangeiras (2); Teoria Literária (3); Tradução (4)

INTRODUÇÃO

A literatura e suas formas tendem a seguir diferentes moldes a partir do contexto histórico e demais influências externas que circundam aquele que a escreve. Assim, a representação da realidade, um dos variados modelos de escrita que constituem a literatura, acompanha de igual modo tais fatores externos, sendo diferente no decorrer das épocas, mas com o intuito muito bem fundamentado: transmitir com fidelidade o que se passa e se quer contar. Diversos escritores inovaram ou continuaram no modo tradicional para alcançar a fiel escrita do real. Fizeram-no através de críticas, análises e descrições a fim de reproduzir o natural, a história, a realidade psíquica, etc. Estudamos, assim, quais as possíveis recolocações dos tradicionais conceitos românticos podem ser feitas para que se atinja a totalidade na representação das atividades humanas dentro dos contextos propostos pelo escritor, a partir de uma leitura crítica do romance *A visita cruel do tempo*, de Jennifer Egan.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A questão da representação da realidade na literatura já foi muito bem fundamentada por Erich Auerbach, no livro *Mimesis*, cujos capítulos perpassam obras arquetípicas de períodos históricos definitivos da historiografia literária. Sua conclusão é de que, apesar de diferenças óbvias, devidas aos imaginários diversos que compõem os muitos modos de organização sociocultural, há uma ânsia no processo de evolução

da literatura pela representação do real, ou seja, dos dados imediatos compartilhados por um coletivo de pessoas. Auerbach parte de Homero e chega até Virginia Woolf, já em idos do século XX, século no qual há uma crise na ideia da representação do real, ocasionada pela 1ª Guerra Mundial, impulsionadora da decadência da belle époque. A narrativa de fluxo de consciência do modernismo do último século é mais uma das manifestações das vanguardas artísticas, formas que buscavam romper com os modelos tradicionais da literatura. No entanto, o tempo e a consagração de determinadas obras antes consideradas pontos de ruptura transformam esta que um dia foi uma novidade em algo que também passa a se configurar como tradição. Sendo assim, como falar sobre ruptura na contemporaneidade e como relacioná-la a outras tradições anteriores?

Para responder a tal questionamento, recorreremos ao conceito de realismo formal, enunciado por Ian Watt (2010); para este autor britânico, a ideia moderna de representação da realidade perpassa a incorporação de elemento da vida cotidiana ao discurso literário, tanto em seus aspectos linguísticos quanto na correspondência entre os elementos do mundo interno da narrativa e os fatos da vida que esta busca representar. O realismo formal seria, então, o gatilho da literatura moderna, da ascensão do modo narrativo do romance, que já configura um primeiro rompimento, aquele entre a tradição poética herdada da Antiguidade e a emergência de um novo modo de representação, correspondente à organização social burguesa, então em estágio iminente. O tipo de linguagem em prosa, que Georg Lukács (1999) chamou de conquista da vida e da linguagem cotidiana representa uma transgressão incipiente à tradição. A partir da emergência dessa forma de representação, altera-se a concepção do que é o texto literário. Daí vem também o nome “Literatura” como definidor da forma artística em questão, pois na Antiguidade greco-latina, como se vê por exemplo nas Poéticas clássicas de Aristóteles e Horácio, a arte com as palavras recebia simplesmente o nome de “Poesia”, já que tinha forma fixa, versificada, ritmada e, muitas vezes, rimada. O realismo formal altera o eixo linguístico da função essencialmente poética ao atribuir grande relevância à referencialidade do discurso, às possibilidades do conteúdo que muitas vezes chega a se sobrepor à forma.

Certamente o realismo formal, fruto dos primórdios da Idade Moderna, por volta dos séculos XVI e XVII, sofreu diversas alterações com o passar do tempo, evoluindo como forma artística e adquirindo novas roupagens que tornaram mais complexa a definição de Ian Watt sobre a fase inicial desse modo de representação. Franco Moretti (2006) destaca o século XIX como ponto culminante dessa representação em prosa como forma dotada de maturidade artística. O realismo moderno, especialmente a literatura que se desenvolveu na França durante o referido século, transforma o realismo formal em algo mais do que um registro em prosa da realidade cotidiana. A obra de romancistas como Stendhal, Balzac e Flaubert faz com que essa representação se transforme não somente no substrato crítico de uma era, mas também na manifestação estética superior da arte narrativa em prosa. Se antes o romance era um gênero com vergonha de si próprio, considerado uma forma de arte menor, conforme atesta Marthe Robert (2007), o realismo moderno, que emergiu no século XIX, traz um estatuto verdadeiramente artístico à prosa e à representação da realidade, seja na forma ou no conteúdo.

Já no início do século XX, as vanguardas europeias, surgidas na esteira do acelerado processo de modernização da Segunda Revolução Industrial, bem como das rápidas mudanças sociais decorrentes do século anterior, propõem novas formas artísticas, um rompimento ainda mais profundo com os tradicionalismos artísticos, entre eles, o próprio conceito de realismo formal e de representação da realidade. A busca pela racionalidade da narrativa oitocentista é substituída por uma estética de manifestação do elemento caótico e decadente, da desesperança diante da realidade despedaçada. Na literatura, é o modernismo o grande arquétipo dessa nova arte. Erich Auerbach (2009) afirma que mesmo neste período de negação da realidade, a partir da crença do esfacelamento completo desta, existe uma ânsia pela representação do real, que permeia toda a história da literatura e, em última instância, define essa forma de arte (ao menos em seu aspecto narrativo). O que existem, para o teórico citado, são modos de representação, correspondentes a diferentes imaginários derivados de determinadas organizações sócio-históricas-culturais, em outras palavras, das diversas concepções de mundo dos períodos históricos definitivos na História Ocidental.

Portanto, considerando-se que os tempos atuais, a chamada contemporaneidade, se configuram como um instante de mudanças significativas nas formas de relacionamento interpessoal e de nosso relacionamento

com a realidade imediata, é possível conceber uma mudança de paradigma artístico que busque um rompimento com certas formas, outrora vistas como transgressoras e hoje aceitas como tradicionais, de maneira a ressignificar o conceito de narrativa, partindo de possibilidades abertas pelas mudanças impostas pelo processo sócio-histórico-cultural, ou seja, pelo novo imaginário cuja iminência não se pode ignorar.

Há, obviamente, diversos estudos sobre as possibilidades contemporâneas do texto literário. Em geral, são abarcadas sob o guarda-chuva do conceito de “pós-modernismo”. Trata-se de uma ideia abrangente, de características gerais não tão bem definidas quanto às de outros períodos da historiografia literária. No entanto, mesmo assim, é possível traçar algumas linhas gerais sobre o conceito em questão. Autores como Jean-François Lyotard (1979), Frederic Jameson (1991) e Perry Anderson (1999) o estudaram e tentaram defini-lo como a manifestação do imaginário de uma sociedade pós-industrial, na qual a confiança no progresso e na organização racional da sociedade, próprios da sociedade moderna, esfacelaram-se, dando lugar ao ceticismo, à ironia, ao cansaço em relação a formas consagradas. Trata-se, como parece à primeira vista, de uma negação do passado, tal qual ocorria com a literatura modernista. No entanto, o pós-modernismo nega até mesmo a procura do modernismo pela inovação e sua ânsia por uma nova representação. O pós-modernismo marca-se pelo pastiche e pela paródia, pela retomada de formas artísticas anteriores que são ressignificadas em novas perspectivas de mundo (ou, em muitos casos, na falta delas). Além disso, o pós-modernismo é amplo, não é marcado por manifestos ou aspectos formais que caracterizam gerações de autores. Suas manifestações artísticas são, por vezes, tão diversas, fragmentadas, conscientemente irônicas e desencantadas quanto o tempo ao qual pertencem.

Nesse contexto, buscou-se investigar a especificidade da obra selecionada como corpus do trabalho, na perspectiva da representação em relação ao período contemporâneo, tanto relacionado às inovações tecnológicas quanto a outras questões socioculturais de nosso tempo, sob a perspectiva do que há de transgressão das tradições, de retomada de algumas formas, de ressignificação e de pura criação.

METODOLOGIA

A metodologia segue basicamente o método do estudo analítico da obra literária, tanto em seus aspectos referentes à teoria, quanto à leitura crítica (*close reading*).

O corpus é constituído pelo romance *A visita cruel do tempo*, da escritora norte-americana Jennifer Egan. Propôs-se, inicialmente, a leitura do capítulo proposto (“Grandes pausas do rock n’ roll, por Alison Blake”) como norte da análise do romance, por se tratar da parte da narrativa em que existe uma evidente transgressão das formas tradicionais.

Primeiramente, realizou-se uma leitura do capítulo e, depois disso, a entrega de um fichamento. Em seguida, foi realizada a leitura da tradução do referido capítulo em comparação com o texto original, atentando-se às escolhas linguísticas e aos ganhos e perdas do texto a partir da sua transposição de um idioma para o outro. A tradução utilizada foi aquela feita durante o desenvolvimento de uma pesquisa na modalidade voluntário (PIVICT) no segundo semestre do ano de 2017, o que trouxe ao trabalho uma continuidade e estabeleceu um diálogo entre percursos já percorridos e os novos caminhos de pesquisa. Em seguida, foi realizada a leitura de alguns textos teóricos referentes à teoria da narrativa e do romance. Entre os textos selecionados para leitura, estão alguns capítulos do livro *Mimesis*, de Erich Aurbach, os capítulos de *A ascensão do romance* que tratam sobre o realismo formal, textos de Walter Benjamin e Theodor Adorno relacionados às novas possibilidades artísticas possibilitadas pelos novos meios de veiculação surgidos na sociedade industrial.

Na etapa seguinte, a pesquisa se estendeu ao restante da narrativa, a fim de estabelecer o vínculo entre o capítulo escolhido como centro de trabalho e as demais partes do romance. Apesar de ser uma narrativa organizada em capítulos independentes, que funcionariam como contos, a recorrência de determinados personagens e a relação entre eles compõem uma unidade, sendo o elo central desta a questão da passagem do tempo e das mudanças de perspectiva dos indivíduos conforme são submetidos a diferentes experiências. O trabalho de interpretação (baseado na leitura da narrativa e dos textos teóricos), consiste em um estudo analítico da obra, com enfoque no capítulo selecionado como corpus da pesquisa, com atenção especial para o desenvolvimento do enredo, a caracterização dos diversos personagens (nos períodos de tempo diferentes em que aparecem), bem como, para a organização dos fatos. Além disso, é dado destaque

ao modelo narrativo do capítulo estudado, feito na forma de uma apresentação de slides, por uma garota de treze anos, buscando-se as justificativas de coerência interna da narrativa e as ideias de experimentação com a linguagem que a autora do romance decidiu empreender. No fim, será entregue um relatório final, com as conclusões alcançadas por meio do desenvolvimento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De início, o trabalho realizado consistiu em conhecer o enredo e suas propostas. Como se comportam as personagens e como são usados os componentes narrativos para compor a obra. O contato mais aprofundado é requisito para prosseguir com o projeto. Assim, o texto fora explorado em toda sua parte romântica considerando que a primeira leitura fora realizada na perspectiva de leitor que analisa o enredo, sem a preocupação quanto aos aspectos teóricos. A noção mais considerada para tal foi a da representação da realidade, como foi feita a partir dos estudos já citados: *Mimesis* de Erich Auerbach e algumas considerações de Yves Reuter. Dessa leitura, a pesquisadora realizou um fichamento crítico, em que as noções importantes sobre as personagens foram ressaltadas.

A partir da leitura detalhada focada no enredo, foi proposta uma leitura do livro teórico de Yves Reuter, *Introdução à análise do romance*, para que o estudo conceitual da obra se iniciasse com uma boa base. A leitura foi auxiliada pelo orientador, tendo todas as dúvidas tiradas em discussões e propostas de como pensar o objeto de estudo a partir deste outro material. A pesquisadora iniciou, então, a leitura teórica do livro *A visita cruel do tempo* voltando a atenção para as articulações dos constituintes narrativos como narração, personagens, tempo e espaço, aplicando os conceitos de Reuter aos mesmos. Dessa leitura, obteve-se noção dos conceitos que formaram a obra e quais suas justificativas, isto é, o que foi usado e como foi usado.

CONCLUSÕES

O trabalho seguiu, até o momento, as atividades propostas e vem se desenvolvendo a contento, dentro dos objetivos buscados em seu desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa de base, inserida no campo dos estudos linguísticos e literários, cujo método de trabalho consiste na leitura crítica baseada em uma fundamentação teórica específica sobre a criação artística e o contexto que a enseja.

As próximas etapas do trabalho continuarão tendo enfoque na análise teórica que partirão desta já realizada. Tendo aprendido e estudo cumulativo, o trabalho é interligado o tempo todo e apresenta sempre maiores esclarecimentos conforme avança. Partindo das noções cada vez mais esclarecidas, a etapa final consiste em uma reescrita da obra de modo a não perder a essência, mas propondo uma estrutura tradicionalmente cronológica fazendo jus as noções adquiridas ao longo do trabalho. Todo aprendizado do trabalho será conferido ao passo em que avança a fim de fazer um relatório final que apresente todo o conhecimento adquirido e sua aplicação.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ANTUNES, L. Z. Teoria da narrativa: o romance como epopeia burguesa. In: _____ (org.). **Estudos de literatura e linguística**. UNESP-Assis/São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
- AUERBACH, E. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. Trad. J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- EGAN, J. **A visita cruel do tempo**. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- LUKÁCS, G. O romance como epopeia burguesa. **Ensaio Ad hominem/ Estudos e edições Ad hominem**, n. 1, tomo 2, p. 87-135, 1999.
- MORETTI, F. Serious Century. In: _____. **The novel**: volume 1: History, geography, and culture. New Jersey: Princeton University Press, 2006. p. 364-400.
- REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROBERT, M. **Romance das origens, origens do romance**. Trad. André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- STIERLE, K. **A ficção**. Trad. Luiz Costa Lima. Org. Carlinda Fragale Pate Nuñez, Francisco Venceslau dos Santos. Rio de Janeiro: Caetés, 2006 (Novos cadernos de mestrado 1).

WATT, I. **A ascensão do romance**: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.